

LOUIZE LABÉ: LITERATURA COMO ESPAÇO DA RESISTÊNCIA

LUIANE SOARES MOTTA*

*Épouser une sottie est pour n'être point sot.[...]
Mais une femme habile est un mauvais présage;[...]
Et que viteraient marquis et beaux esprits,
Tandis que, sous le nom du mari de madame,
Je serais comme un saint que pas un ne réclame?
Non, non, je ne veux point d'un esprit qui soit haut;
Et femme qui compose en sait plus qu'il ne faut.
Je prétends que la mienne, en clartés peu sublime,
Même ne sache pas ce que c'est qu'une rime¹. (Molière, 1662-3)*

O excerto do autor francês Molière, que viveu no século XVII, serve-se da ironia, em sua comédia teatral, para abordar, a partir da literatura, alguns aspectos que se inspiram na sociedade de sua época. O personagem principal *Arnolphe*, em tal fala, recusa veementemente a possibilidade de esposar uma mulher que se dedique às letras e possua algum talento. Tem ela de ser mais estúpida, para que ele não seja considerado “apenas” um *mari de madame*. O universo literário possibilita alguns desses gracejos. Através dele, escarnece-se, resiste-se, zomba-se de costumes, sem, no entanto, estar sujeito a seu linchamento social, ou outra punição (em algum sentido, é claro). Aliás, o sarcasmo tem dessas coisas: diz sem efetivamente dizer, e só podemos compreendê-lo a partir de outros elementos intra e extratextuais.

Tal situação também pode fazer-se coincidente com outros textos da época e, inclusive, com autores anteriores, como é o caso da escritora cuja obra é enfocada nesse estudo: Louïze Labé. Labé viveu durante o século XVI, na cidade francesa de Lyon, e as relações que a autora percebeu quanto à presença feminina, diz-nos, mesmo quando indiretamente (ou despropositadamente quanto a esse objetivo), algo de seu tempo, a partir de suas próprias divagações filosóficas e artísticas.

A coletânea de sua obra é composta por diferentes tipos de documentos. Na epístola

* Instituição de origem: Universidade Federal de Santa Catarina; doutoranda no curso de pós-graduação em História; Pesquisa amparada pela agência financiadora CAPES.

¹ O respectivo trecho ocorreu por livre tradução de autoria própria (a partir de agora, apontado pelas siglas "Trad. A." - Tradução de Autoria própria):

Esposar uma besta é por não ser nem um pouco besta [...]
Mas uma mulher hábil é um mau presságio;[...]
E visitariam nobres e belas mentes
Enquanto que, sob o nome de “marido de madame”,
Eu seria como um santo a quem ninguém invoca?
Não, não, eu não quero um pouco de um espírito elevado;
E a mulher que compõe já sabe mais do que deveria.
Eu ambiciono que a minha, em luzes pouco sublime,
Não saiba mesmo o que é uma rima. (Molière, *L'École des Femmes*)

dedicatória tem-se um documento etnológico, que permite refletir sobre condições sócio-culturais da divisão discursiva do mundo pela categoria do sexo e as condições impostas. As subsequentes construções literárias (que vão desde um texto em prosa sobre o Amor e a Loucura, até sonetos e elegias) possibilita-nos ter fôlego para pensar como resiste e onde se situa, pois tais construções dão-nos oportunidade para pensar a situação das mulheres em Lyon, bem como, com a subjetividade adjacente, os apontamentos sobre os igualmente complexos laços entre realidade, ficção e virtualidade de sua vivência, analisando os embates que se revelam em tal produção. Esse lugar, mesmo que não tão bem circunscrito, diz respeito à autora e outras mulheres contemporâneas a ela, seus arredores e suas experiências. No entanto, para esse artigo, daremos enfoque na análise de sua resistência. Como revela-nos, no trecho a seguir, sobre as ambicionadas mudanças e igualmente imposições a seu sexo²:

Et outre la reputation que notre sexe en receura, nous aurons valù au publiq, que les hommes mettront plus de peine & d'eflude aus sciences vertueufes, de peur qu'ils n'ayent honte de voir preceder celles, desquelles ils ont prétendu estre toufiours superieurs quasi en tout [...] Et pource que les femmes ne se montrent volontiers en publiq feules, ie vous ay choisie pour me servir de guide³. (Louïze Labé, 1555)

Acima, utilizando um tom provocativo, a autora trata de um apelo, pois se de fato as mulheres participarem nas ciências virtuosas, os homens terão/desejarão dedicar-se melhor aos estudos, por “temerem” ser ultrapassados pelas mulheres. O benefício está explícito: isso faria avançar a sociedade, (bem como está implícita a interdição que o corpo sofre). Mas implicitamente, a situação é mesmo reveladora, pois usa o verbo *prétendre* para escarnecer-se dos homens. Esse verbo, *prétendu*, por ser o sinônimo de algo que se quer “ser” mas “não se é”, coloca em cheque a afirmação de serem eles superiores. Isso evoca um questionamento da autoridade masculina para o discurso que constróem em relação às mulheres e que usam para cercear a elevação da alma feminina na sua busca pelo conhecimento. Ao fim de tal recorte, relata-nos e ironiza outra situação: a necessidade de estar acompanhada de outra Dama para “expor-se” ao público. A autora chama esse costume da sociedade, para participar dessa virtual exposição. Parece-nos que nesses fragmentos de seu texto, ela toma uma posição: esse cerceamento, é fruto de um temor, que não se funda em lógica, mas sim se constrói por uma regra cultural arbitrária. Regra, esta, que deseja e impele a dicotomização

² Sexo que é coextensivo ao gênero mas que, obviamente, é criado pelo mesmo, mas nos quais se fixam as leis, que assim como interditam, reforçam-o como uma existência “naturalizada”.(SCOTT, 1990; p.87)

³ Trad. A.: “E outra, a reputação que nosso sexo receberá, trará uma melhoria à sociedade, pois os homens esforçar-se-ão mais na pena e estudos das ciências virtuosas, para não se envergonharem de se verem ultrapassar por aquelas, as quais eles sempre se *pretenderam* superiores em tudo [...] E porque as mulheres não se podem apresentar em público sozinhas eu vos escolhi para me servir de guia.



de seus elementos, inferiorizando uma parte da equação, censurando grupos e, assim, pretendendo seu descumprimento como subversão. Por isso, o tipo de escrita, liga os dois textos intrinsecamente (Labé e Molière), dando-nos indícios do poder da literatura para compreender as funções atribuídas e, mesmo, vetadas a alguns atores sociais. O “pensar”, “escrever” e “contar” fazem parte de um conflito que liga à constituição de si e do mundo (afinal a escrita é, ao mesmo tempo, compreender, compreender-se e fazer-se compreendido) e, por isso, acreditamos que, também, é através da escrita que se expressa o mundo, e o construímos, devendo então, ser analisada.

De certa forma, o grupo para o qual Labé reivindica um lugar foi inúmeras vezes desprezado quanto ao saber que produzia, além da inaptidão historiográfica para perceber suas possibilidades de agir. Ou seja, isso deve-se, em parte, a um poder político cujas instituições carregavam elementos misóginos e, em parte, também, devemos admitir, pelo modo como produzimos o conhecimento historiográfico (SMITH, 2003; 279-280). Mas o que queremos frisar, por conseguinte, é que o texto, no caso das mulheres, é lugar de dupla resistência, pelo que conta e pelo que realiza e, por isso, nessa conjuntura, é inversamente proporcional ao desejo de determinado tempo e sociedade em conservá-lo. Assim, refletindo sobre os “silêncios” de fontes e da construção da análise histórica, parece-nos que é necessário, até pelos elementos similares entre literatura e história, trazer esses textos, para narrar sobre esses outros agentes. Essas disciplinas devem abarcar, viabilizar um encontro com esse imenso “Outro” interior⁴. Obviamente, que já cremos, há muito, estarmos longe de dizer "A Verdade" sobre o passado, portanto, vamos nos permitir vasculhar os vestígios que são ainda presentes e tentando dar significados a eles.

O discurso dominante da Idade Média formulava muitas narrativas permeadas pela figura feminina. Porém, nelas as mulheres possuem imagens que fazem supor uma necessidade de controle sobre elas. Tais produções predominam, justamente, por serem, as mulheres, agentes cuja palavra escrita deve ser negada. Como num círculo vicioso, o discurso ligava-as ao pejorativo e por isso as proíbia de transitarem pelo mundo das letras, dizendo que ali não transitavam porque não o sabiam (!). Obviamente que essa proibição, ainda que por vezes baseada em atos de coação física, nem sempre foi obedecida, mesmo quando as condições concretas apontavam-lhes o caminho do pleno silêncio. Seja através da escrita, seja

⁴ O "homem nunca está só e não seria o que é sem sua dimensão social". No entanto, geralmente, houve processos históricos de obliteração do outro (em relação ao Eu, a nação, ao mesmo – homem, beligerante). No caso das mulheres, a estranheza opera dentro de sua própria comunidade, obliterante, o que causa diferenças no processo, mas não o ameniza, não deixando, portanto, de censurá-las, de proibi-las, de coisificá-las. (TODOROV, 1982. p.360)



por outras formas como o gestual, o oral e a pintura, a palavra e o saber, que se formava pelos marginais ao poder, nessa sociedade, eram repassados e contados (inclusive, em discursos que as narravam de maneira desfavorável⁵), e as proibições, assim, eram transgredidas. Porém, a fogueira inquisitória incendiou muitos marginalizados, os disputadores do poder, em carne e osso, mas o fez ainda mais para atingir suas almas, vivências e vestígios da pluralidade de saberes e liberdades que brotavam de suas folhas e ações, e isso porque tentou incendiar a resistência e impor seu tempo.

O caminho portanto era de necessária cautela. A base na formatação textual já pode dizer algo além de seu estilo (que possui influências que vão de Platão, quanto à disposição de sua argumentação, à Petrarca⁶, pelos elementos antitéticos dos sonetos (KANGUSSU, 2006)) pois seu texto é produzido através do diálogo entre os personagens. Esse formato é bastante estratégico, pois possibilita a exposição de diversos elementos argumentativos, elucidando-os dialeticamente, até expor um resultado, sem que, aparentemente, o próprio narrador seja responsabilizado por tal desfecho.

Concluído “pelos personagens” (obviamente através deles), a forma da narrativa cria a ideia de que a síntese, a qual se encaminhou, é uma solução que se distancia do autor e se desenvolve apenas pelo desenredo da trama, muitas vezes utilizando uma tal conjunção de itens que beira à ambiguidade. Ou seja, seu final aparentemente é exigido pelos personagens, dando vida própria ao texto (podendo afastar-se em alguma medida das considerações ou moral mais direta da qual deveria estar impregnado). Também, através dessa formatação, lembra-nos Kangussu (2006), é possível “superar a dificuldade de se comunicar conceitualmente a experiência de limites. [...] costuma ser mais potente, dada a sua capacidade de produzir afetos, do que argumentos desencarnados”.

Nos papéis estabelecidos por Labé, há elementos bastante humanizados no seu panteão de deuses, caracterizados pelo seu conhecimento da cultura greco-romana, através da intertextualidade com algumas traduções contemporâneas, como a de Ovídeo e Platão, ou interpretações de Boccaccio, Petrarca e, mesmo, Roterdã que parecem ser leituras que tiveram

⁵ Aqui, refiro-me à perseguição às "bruxas". Entretanto, tal discurso repressor foi também reapropriado, para abrir concessões e, igualmente, referenciar aqueles contra os quais lutavam. No que diz respeito à resistência, ou apropriação de tal discurso para dele mesmo se defender, temos, por exemplo, o caso das bruxas de Salém, que fez propagar aquilo do qual visavam afastar. Além disso, em "O queijo e os Vermes", Menocchio nos fará saber de tudo aquilo que o poder repressor tentou apagar de saberes pagãos, e quando necessário, se apropriará do próprio discurso da Igreja para uma defesa "oportunista".

⁶ A partir do momento em que houve a tradução lionesa de Petrarca, sua influência entre os escritores ficou evidente. O poeta italiano do século XIV ficou famoso por seus cantos antitéticos de amor, sua contribuição para a renascença literária italiana foi extensa, bem como, influenciou humanistas de outros lugares pela Europa. Um exemplo de utilizações das antíteses petrarquianas é o famoso trecho de Labé: “Eu vivo, eu morro, / Eu me queimo e me afojo”. (Labé, 1555. P.115).

influência nos escritos labetanos e são, igualmente, condizentes com as discussões estabelecidas nos círculos lioneses⁷. Dentro da lógica filosófica da época, Louïze Labé escolhe as figuras do Amor e da Loucura para narrar a paixão e a razão, mas implicou não somente em pertencer ao polêmico mundo de divagações da época, inserindo-se no discurso tido como intelectual para adquirir voz, mas também burlá-lo, ao usar daquelas figuras para “invertê-las” e refletir sobre o que mais lhe toca quanto às exigências e restrições que sofre e quanto ao lugar que pertence.

Kangussu, que estuda os filósofos modernos e medievais, aponta o quanto Labé se aproxima de Erasmo, já que expõe que as ações “grandiosas” têm entre seus colaboradores tal deusa. Porém, cabe ressaltar que ainda que a autora provoque alguns risos, com algumas falas do personagem em interação com o seu rival, reflete-se que, de fato, aborda Loucura de outra maneira. Há passagens, em seu texto, que não só falam que a Loucura move atos de heroísmo (e a própria autora foi chamada de Capitã Louïze), como ela está presente na própria sabedoria dos indivíduos⁸. Ou seja, é possível perceber que suas afirmações quanto a este personagem ultrapassam as de Roterdã, que apresenta, no fundo, reflexões de cunho satírico e desdenhoso quanto a sua sociedade. É uma crítica do quanto esse personagem, e o modo como tal age, permeiam as mentes humanas. A Loucura, em Erasmo, seria sinônimo de ousadia desmedida, de irracionalidade oposta à razão, de hipocrisia, e julgamento, entretanto, em Labé, aparece justamente como símbolo de força, de eficácia, de subjacente à própria razão. Pois, a Loucura, em seu texto, tem um diálogo articulado, refletindo não somente sobre os limites do racional, como já foi exposto. Louïze constrói papéis um tanto quanto diversos nos dois personagens principais. Por exemplo, em muitos dos seus diálogos o deus Amor é posicionado como tolo. Já, Loucura, que deveria pertencer, pela ótica comum, a uma postura mais irracional, alicerça suas ações com inteligência e eficácia. Como no trecho a seguir:

*Folie: [...] Tu n'as rien que le coeur: le demeurant est gouverné par moy. Tu ne scez quel moyen faut tenir. Et pour te declarer qu'il faut faire pour com plaire, ie te meïne & condui: & ne te se*uent tes yeus non plus que la lumiere à * aueugle.[...][Narradora:] Folie tire les yeus à Amour⁹. (Labé, 1555)*

Tal reflexão sobre os atos de Loucura e o modo como se defende, nos permite

⁷ Isto se deve à fascinação gerada pelas traduções recentes de seus contemporâneos: como as de Sceve, sobre Petrarca, a de Adrian Sevin, sobre Boccaccio, do livro das mulheres nobres, e à chamada Escola Lionesa, que se trata, na verdade, da própria influência petrarquiana e do platonismo.

⁸ *Tu as offensé la Royne de hommes, celle qui leur gouverne le cerueau, coeur & sprit*(T.A.: Tu ofendes a Rainha dos homens, aquela lhes governa o cérebro, coração e espírito) (Labé, 1555. ; p. 19)

⁹ T.A: Loucura [diz ao Amor]: Tu não tens nada além que o coração: o resto está governado por mim. Tu não sabes qual meio para ser. E para declarar aquilo que deverás fazer para satisfazer, eu te moverei e conduzirei: e não te servirão teus olhos, não mais que a luz a um cego.[...][Narradora:] *Loucura tira os olhos de Amor.*

perceber que esta personagem não se coloca de modo infundado. Expõe argumentos, que no decorrer do texto dão prova de que essa Loucura se utiliza de uma razão, deteriorando o limite rígido, consagrado na Idade Clássica, entre elas.

Assim, Folie e Amour são dois termos que surgem no discurso labetano tanto como motivação para o debate, quanto anúncio de sua temática. Contudo, não são somente isso. Designam estratégias para falar de si, dos amantes, dos sonhos e de sua sociedade. Afinal, o ato de escrever comporta tanto o compartilhamento de signos, que gerem inteligibilidade ao leitor, que o atraiam – e, por isso, vai além do sujeito que escreve – quanto um desejo de persuasão sobre o novo. Persuasão esta, que ambiciona justamente interferência na realidade de alguma forma e necessariamente é poder que se define no jogo (e o redefine) - o qual as forças dinâmicas da sociedade estão sempre tentando regular. O que nela se expressa, parece-nos, embora não nos diga “objetivamente”, são os contornos dos acontecimentos – os tangidos e os ansiados – que são suas possibilidades e potências, uma forma pela qual outros agentes esboçaram suas formas de resistências.

Portanto, devido a personagem Loucura ser construída como o feminino - se afirmando enquanto Dama e/ou mulher que deve ser respeitada diante da sociedade, e não ultrajada por jovens presunçosos¹⁰ -, insinua-se, nela, deduções que dizem respeito ao vocabulário da época, sobre um agir mais elaborado da mulher, relatado em Cristine de Pisán (século XV). Mas, dessa forma, ainda que sustente a mulher que trama (o estereótipo de Eva) é igualmente uma mulher “inocentada” que está se defendendo, por possuir a “razão”, pensando por si mesma, lutando e detendo um saber articulado à lógica e racionalidade nas suas ações¹¹.

Folie: Laisse moy aller, ne m'arreste point car ce te fera honte de quereler auer vne femme. Et si tu m'eschaufes vne fois, tu n'auras du meilleur.
[...]*Folie: Tu montres bien ton indiscrecion, de prendre em mal ce que ie t'ay par ieu: & te mesconnois bien toymeisme trouuant mauuais que ie pense auoir du meilleur si tu t'adreff à moy. Ne vois tu pas que tu n'es qu'un ieune garfonneau? De si foible taille que quand i'aurois un bras lié, si ne te creindrois ie guere¹²s.* (Labé, 1555)

¹⁰ Folie: *Ainsi se chatient les ieunes & presomptueus, comme toy. Quelle temerité ha (19) un enfant de s'adreffer à une femme, & l'injurier & outrager de paroles: puis de voye de fait tacher à la tuer.* (T.A.: Assim se castiga os jovens e presunçosos como tu: Ah que temeridade uma criança de se endereçar a uma mulher e lhe injuriar e ultrajar com palavras; depois encaminhando-se para tentar, com mácula, matá-la) (Labé, 1555, p. 18-19).

¹¹ Que são os principais itens, que como colocado anteriormente, geravam discussões polêmicas, onde eram elencados elementos de discursos diversos, mas que visavam ordenar o feminino em um lugar inferior quanto à sua intelectualidade.

¹² T.A.: Folie: Deixe-me ir, não me arraste a este ponto, porque te será vergonhoso brigar gananciosamente com uma mulher. E se tu me exaltares mais uma vez, tu não obterás a melhor. [...]

[...]*Folie: Tu mostras bem a tua falta de discernimento, tomando como mal o que eu te faço por brincadeira: e tu não conheces bem a ti mesmo, revelando maldade quando eu pensei que teria do melhor se tu se dirigisses a mim. Você não vê que você é apenas um jovem garoto? De fraco tamanho que quando eu levantar um braço heroicamente, se não desistires, eu vencerei.*

Como podemos perceber, através da interpretação do que Loucura fala a Amor, seu costume a possibilita dizer ao jovem deus, a quem dirige uma contenda, que se cale, que respeite, dando margem a se pensar a posição de uma mulher em relação ao lugar que ocupa numa hierarquia. Tal interação responde, com certa dose de humor, à questão das relações de poder. Se de um lado existe uma literatura que posiciona o masculino acima do feminino, a produção de Labé (e, obviamente, outros estudos de seus contemporâneos) nos permitem pensar como essa sociedade no entorno de nossa escritora funciona em relação a atribuições de papéis. O jovem, perante uma mulher de mesma classe, que em nosso texto é uma deusa, deveria calar-se, já que esta, primeiramente, se proclama mulher, além de mais velha e mais sábia.

É interessante pensar no contorno de ambos na perseguição de nossa análise. A visão de Amour como jovem, arrogante e cego, que merecerá a ação disciplinadora que Folie impõe a ele, pode ser percebida através de outro escrito de Labé, como características que coincidem com o que cria sobre o estereótipo do homem de seu tempo, já que, em passagem de sua epístola, parafraseando-a, Louíze expõe que os homens se equivocaram, privando as mulheres de obterem acesso ao conhecimento, e que acabarão envergonhados por se verem ultrapassados por aquelas *que sempre se pretenderam superiores* (Louize Labé, 1555, p.3-4). Isto não parece apenas casual. Os termos envergonhados e pretenderam, remetidos a uma atitude masculina, denotam uma crítica à dominação de então e a uma arrogância sem justificativa. Parece-nos possível que as caracterizações que se imbricam no deus Amour, com a similaridade de conteúdo, atuem nessa criação do personagem como estereótipo do masculino de sua época.

Há, portanto, na escrita o jogo, mas também as próprias regras redefinidas, as que estão tentando redefinirem-se e, como já observamos, as definições das forças dinâmicas da sociedade que estão tentando mantê-las a seu gosto (FOUCAULT, 1971). É possível chegarmos à questão de que na “regulamentação” de quem pertence ao jogo ou não, o ato de escrever novamente reafirma-se enquanto ato de se rebelar e, igualmente, de denunciar.

Ao relacionarmos outros trechos dos dois tipos diferentes de textos, produzidos pela autora, na mesma obra, vê-se esse movimento de encontro, no qual as características de ambos feminino/Loucura e masculino/Amor misturam-se com as percepções que tem de sua sociedade: *& montrer aus hommes le tort qu'ils nous faisoient en nous priuant du bien & de l'honneur qui nous en pouuoit venir* (LABÉ, 1555, p.3). Ou seja, essa imposição pela força, é infudada e são eles, “os homens”, que a cometem. Assim, o Amor, ilógico, jovem, forte e,

pela narrativa, sempre equivocado, os homens são antepostos a elas, mulheres, na construção de uma identidade, mesmo num outro tipo de testemunho, e narrados como presunçosos e tolos.

Na defesa de Loucura, novamente no debate, Mercúrio, seu “advogado”, coloca-se da seguinte maneira:

Ceus qui font des maisons au Ciel, ces geteurs de points, faiseurs de caracteres, & autres semblables, ne doivent ils estre mis en ce reng? N'est à estimer cette fole curiosité de mesurer le e Ciel, les Estoiles, les Mers, la Terre, consumer son tems à conter, getter, aprendre mile petites questions, qui de soy sont foles: mais neanmoins resjouissent l'esprit: le font aparoir grand & subtil autant que si c'estoit em quelque cas d'importance. Je n'aurois jamais fait, si je voulois raconter combien d'honneur & de reputacion tous les jours se donne à cette Dame, de laquelle vous dites tant de mal¹³.(Labé,1555)

Aqui, vemos como Loucura se relaciona com a produção de conhecimento, ainda que queiram relegá-la a um lugar desonroso. A afirmação é de que ela tem sido, geralmente, excluída, mas é no pano de fundo, é ela que promove tantas realizações. Mercúrio a quer colocar no seu devido lugar de exaltação, parecendo coadunar, por conveniência, não com a figura comumente estabelecida à loucura, mas concorrer com o discurso estabelecido em relação ao seu correlato estereótipo de mulher – *ne deuos nous estre desdaignes pour compaignes tant es affaires domestiques que publiques, de ceus qui gouuernent & se font obeïr*(LABÉ;1555;p.4)¹⁴ – e assim concorrer com a fala que solicita maior espaço e confronta-se com a realidade feminina que tem seus papéis desvalorizados, muitas vezes, em relação ao masculino. Corrobora com tal afirmação, o trecho abaixo, em que apresenta um determinado tipo de masculinidade da época, na expressão do que seria o poder do personagem Amor:

Je n'ay que faire de chariots, foudars, hommes darmes & grandes troupes de gens: sans lesquelles les hommes ne trionferoient la bas, estant d'eus si peu de chose, qu'un [qu'vn] feul (quelque fort qu'il soit & puissant) est bien empesché alencontre de deus. Mais ie n'ay autres armes, conseil, municion, ayde, que moymesfine. Quand ie voy les ennemis en campagne, ie me presente avec [auec] mon Arc: & lafchant une [vne] fleche les mets incontinent en route: & e st au]i tot la victoire [vietoire] gaignee, que la bataille donnee¹⁵.(Labé,1555)

¹³ T.A.: Estes que fazem casas no Céu, que distribuem pontos, que produzem marcas, e outras coisas parecidas, não devem eles ser assim classificados [de loucos]? Nem está a estimar esta louca curiosidade de medir o Céu, as Estrelas, os Mares, a Terra, gastar o tempo a contar, receber, aprender mil pequenas questões que por si só são loucas; mas, ao menos, rejuvenescem a mente, as tornam grandes e cheias de detalhes, mesmo que fosse algum caso sem importância. Eu jamais pararia se eu quisesse contar quanto de honra e de reputação todos os dias se oferecem à Dama, da qual vocês falam muito mal.

¹⁴ T.A.: não devemos ser desdenhadas como parceiras tanto nos negócios domésticos quanto públicos, dos que governam e se fazem obedecer.

¹⁵ T.A.: Eu não usei carruagens, soldados, homens com armas e grandes tropas - sem as quais os homens não triunfariam lá embaixo, estando eles com cada coisa, que um só (por forte e poderoso que seja) começaria bem um combate com deus. Mas eu não possuo outras armas, conselho, munição, ajuda que a minha mesmo. Quando eu vejo os inimigos em campanha, eu me apresento com meu arco e lançando uma flecha os coloco em

Ou seja, o Amor, atento às guerras e às conquistas nos remete, não a uma noção de amor carnal, físico ou, ainda, transcendente, senão, à visão de um lugar majoritariamente pensado como masculino, que é a guerra, uma visão dos homens atrelados ao poder militar, o que faz referência, então, às posturas e ações que se incumbem aos homens.

Um dos traços marcantes e que corrobora com a reflexão acima é que a escolha dos deuses que nos são apresentados como pertencentes ao feminino (Folie) e ao masculino (Amour) correspondem a substantivos que, embora, atualmente, possuam respectivamente essa classificação de gênero, no início da instauração e reforma do francês moderno – como oficial – ainda não estavam claramente assim precisados e podiam ser designados como substantivos neutros. Deste modo, a construção desses personagens na forma que a autora propõe, que os cria como feminino e masculino, não ocorre ao acaso, seja por influência dos escritos da época, seja por afirmar neles certos estereótipos¹⁶, podemos concluir que tal construção não é acidental ou “natural”¹⁷.

Seria possível, então, a partir deles, pensar que se trata de um retrato da sociedade pintado por Labé? Segundo Sandra Pesavento, isso só poderia ser afirmado através do que ela chama de um jogo de espelhos. A nosso ver, porém, esse jogo com os diversos testemunhos da autora (epístola e Debat) apresenta um diálogo menor, sem dúvida, mas nem por isso deve ser menosprezado, pois além de não estar em nossa pretensão trazer a “Verdade” desses acontecimentos, devemos encarar as possibilidades de expressão para o grupo que ela representa, entendendo dessa forma que nosso texto “conjectura” alguns elementos que habitam o imaginário da autora e que por lá estarem designaram algumas feições culturais que nela habitam e que não se poderia dizer circunscrito a apenas ela. Como poderes que emergem, como ideias que se modificam, e não se sabem bem sua origem, eles pairam no ar do ambiente da época.

Já encaminhando-se para o final do Debate, podemos refletir sobre o rumo

incontinente rota, e é assim que toda a vitória é ganha, que a batalha é oferecida

¹⁶ Estereótipo, aqui, refere-se a imagens simplificadas de objetos sociais - algo como uma caricatura. Embora, o estereótipo esteja geralmente associado a uma atitude negativa, cabe salientar que pode ser tratado como o estabelecimento de atitudes ou comportamentos padrões nos quais se incide a visão de determinados grupos de indivíduos e seus elementos, tendo por base uma generalização. Obviamente, nem sempre condiz com as especificidades das múltiplas realidades. A formação e reprodução dos estereótipos girariam em torno, então, do imaginário dos indivíduos sobre os elementos de sua sociedade.

¹⁷ Principalmente a partir dos anos 1970, com contribuições diversas de estudos realizados pela Escola Canadense de Tradução, começa-se a pensar a linguagem como lugar de influência na produção e reprodução de hábitos, em relação, inclusive, à exclusão social e política das mulheres, percebendo-se que “através de sua escrita [da linguagem], de sua produção literária interveem no seio mesmo da instituição patriarcal, de seus símbolos e de seu imaginário, pois a língua, enquanto instituição ‘é um local de exercício de poder e o alvo de ataques de facções’”(DÉPÊCHE, 2004).

apresentado pelo deus Jupiter, realizador do banquete e juiz da contenda, na narração:

Pour la difficulté & importance de vos differens, & diversité d'opinions, nous avons remis votre affaire d'ici à trois fois, sept fois, neuf siecles. Et ce pendant vous commandons vivre amiablement ensemble, sans vous outrager l'un l'autre. Et guidera Folie l'aveugle Amour, & le conduira par tout ou bon lui semblera¹⁸. (Labé,1555)

Jupiter, embora não optando por estabelecer reus e vítimas, afirma, parece-nos, uma preponderância da Dama, já que é ela quem direcionará o Amor pelo resto da eternidade. A essa discórdia, que parece assumir, por vezes, tons de desentendimentos e consensos entre amantes, relacionamos às figuras *genderificadas* que tal desfecho permite inferir sobre os desafetos Amor e Loucura, alegorias que afirmam seu poder baseados em roupagens que se travestem do feminino e do masculino, por vezes, até subvertendo-as e reinterpretando-as. Constatando-se que advém de um tempo que trata da querela dos sexos, pode mais profundamente insinuar a subversão implícita da sociedade que Labé propõe, visto que a transgressão aqui não só é exposta pelo fato de ser a autora a se afirmar em um mundo patriarcal, mas a defender o poder de uma alegoria feminina que gera a sobreposição dela quanto a um deus que muitos diziam governar o mundo.

Em uma análise quase irônica, elaborada por Jacques Derrida, em “História da Mentira”, a ficção (quando percebida enquanto “irrealidade”), assim como a mentira (enquanto falsidade) tornam-se objetos que são passíveis de dar igualmente significado ao passado. A mentira, quando definida como algo que é ausência de não-coincidência com a realidade, ocorreria quando se tem a necessidade de melhorar uma determinada condição. Podemos, a partir desse pressuposto, refletir que se algo de inverdade surge, faz parte de uma aspiração para que uma determinada condição seja melhorada ou, ainda, para fugir dela – no caso, em um texto que decide pelo feminino superior ao masculino -, levando-nos a uma conclusão do que a realidade foi, pela própria ausência daqueles elementos, que revelar-se-iam as potencialidades de vivência. As mentiras e as ficções são igualmente capazes de apresentarem sensibilidades, sociabilidades e oportunidades dentro dos limites sociais e as modificações a que os agentes estão dispostos. São ambições e lutas, e por tratarem-se de códigos compartilhados, pensamentos plausíveis e, em determinados momentos, tangíveis.

O final proposto pela autora à disputa, além das riquezas e reflexões filosóficas que traz de maneira bastante elucidativa sobre os sentimentos e costumes, faz perceber, também, na concentração e na preponderância que dá à Loucura, a sua proposta de um outro lugar ao

¹⁸ T.A.: Pela dificuldade e importância da contenda entre vós, e diversidade de opiniões, submeteremos vosso caso daqui a três vezes, sete vezes, nove séculos. Durante isso, ordeno a viver amigavelmente juntos, sem ultrajar um ao outro. E guiar, Loucura, o cego Amor, e o conduzir por tudo ou o bom que a eles parecer.

seu gênero. Será ela quem conduz o jovem deus. O que, em primeiro lugar, afirma uma outra feição social àquele que é inferiorizado, mas que é capaz de diversas proezas e sabedoria. Opção melhor e mais cabível, visto a incapacidade de enxergar daquele tão pretensioso deus. Por outro lado, afirma também que não é dessa forma que sua sociedade materializa as normas, o que deixa claro a partir da demonstração de seus descontentamentos, que analisamos em algumas passagens já citadas.

Ao percebermos essa literatura incrustada de significados mais representativos sobre sua produtora, podemos supor que o lugar que reclamavam já estava, por isso mesmo, modificado, visto a posição deliberadamente assumida enquanto escritoras. Entretanto, as palavras que vestem o traje do feminino e, dessa forma, o relacionam no “baixo”, permanecem em fragmentos dos discursos e servem menos a uma reinauguração de sentido do que a uma manutenção das posições relativas¹⁹ - inferior, o desnecessário, o desprezível²⁰. O que não quer dizer que mesclar significantes às figuras de gênero, não gere alterações nas relações sociais e no trânsito que delas advém.

A leitura que fizemos do saber literário de Labé é que tendemos ver nele esse sinônimo de emancipação e até exaltação de si, enquanto mulher. Mesmo que esse ser mulher deva muitas vezes reelaborar ou apropriar-se do masculino para ser não só equivalente, mas superior. É figura que se transforma ora num empoderamento, ora numa manutenção. E dessa forma, sugerem esse lugar “contraditoriamente” e contrariamente ocupado pelo feminino.

Assim, encontrar-se no jogo parece ter sido mais do que simplesmente filosofar por filosofar (ou, ainda, matraquear ininterrupta ou demagogicamente²¹), foi uma estratégia para denunciar e, ao mesmo tempo, indicar o seu poder, sua glória em dizer. São textos que possuem, através do ponto de vista filosófico, e que mostram o desprezo e deboche a certas regras que pretendem estancar os trânsitos do feminino.

Referências Bibliográficas:

AUERBACH, Erich. **Mnésis**: A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.

¹⁹ Segundo o sociólogo Bourdieu: “As mudanças de condições ocultam, de fato, a permanência nas *posições* relativas”. (BOURDIEU, 2002)

²⁰ Enquanto palavras que portam significados *genderificantes* e, por isso, nas designações culturais, mais profundas, dispõem as mesmas categorias às mulheres que estão colocadas nessa “polarização” – enquanto disposição, obviamente – colocadas. (SCOTT, 1990; P.87)

²¹ “Os homens achavam que elas falavam demais, e na primeira fila dos defeitos que os pregadores nelas denunciavam estava a tagarelice”. (DUBY, 1998).



BARTHÉLEMY, Dominique. Parentesco. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. RJ: Ed. Francisco Alves, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. RJ: Bertrand Brasil, 2002.

BREGHOT DE LUT, C. *et al.* **Evvres de Louïze Labé Lionnoize**. Par Perrin *et al.* Lyon, 1824.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro; 2006.

DÉPÊCHE, Marie-France. As teorias feministas da tradução e suas práticas subversivas. In: CARVALHO, Marie Jane; ROCHA, Cristianne. (org.). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. Ago 1996, vol.10, no.27, p.7-39

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HARDING, Sandra. Is There a Feminist Method? **Feminism and Methodology**. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

KANGUSSU, Imaculada. A Disputa de Amor e Loucura, segundo Louise Labé. **Artefilosofia**. Ouro Preto, n. 1, p. 56-69, Julho, 2006.

RUOLZ, M. **Recherches: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746)**. Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 71-99

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Ed. EDUSC: São Paulo, 2003.

SOUZA, Roberto A. de. **A Teoria da Literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 1995. 5ªed.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.